

## Discursividade sobre o Rito de Iniciação no Candomblé na Fotorreportagem “As Noivas dos Deuses Sanguinários”<sup>1</sup>

Giovandro Marcus FERREIRA<sup>2</sup>

Vanice Pereira da MATA<sup>3</sup>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### Resumo

Este artigo discorre sobre modos de enunciação do rito de iniciação no Candomblé na matéria *As Noivas dos Deuses Sanguinários*, da revista *O Cruzeiro* (set. 1951). A abordagem semidiscursiva foi a perspectiva teórico-metodológica adotada, desenvolvida pelo semiólogo argentino Eliseo Véron. Tal caminho conceitual permitiu identificar o rito iniciático-religioso como invariante referencial, e como revelador a fotorreportagem Candomblé, da revista *A Cigarra* (jun. 1949). A análise dos modos de enunciação evidenciou o sangue como marca discursiva mais relevada, apontando riscos do olhar etnocêntrico no exercício da prática jornalística.

**Palavras-chave:** análise de discurso; enunciação; jornalismo; rito de iniciação no candomblé; *O Cruzeiro*

### Introdução

Este artigo decorre da monografia de TCC “Traços da Arqueologia de uma escrita jornalística: contexto, discurso e modos de enunciação da fotorreportagem *As noivas dos deuses sanguinários*”, matéria daqui por diante identificada como “*As Noivas*”. Publicada há mais de meio século, a 15 de setembro de 1951, na revista *O Cruzeiro*, essa fotorreportagem permanece como marco na história do jornalismo nacional por ter sido o primeiro registro feito por repórteres brasileiros acerca do ritual de iniciação no Candomblé (TACCA, 2009) em sua parte interdita a não iniciados (COSSARD, 2006; VOGEL, 2005). Ela decorreu de uma disputa editorial entre *O Cruzeiro* e a revista francesa *Paris Match*, publicação que divulgou para o mundo, em 12 de maio daquele mesmo ano, versão do rito daquela iniciação religiosa na fotorreportagem *Le Possédées de Bahia*. Até então, nunca antes tal rito

---

<sup>1</sup> Trabalho elaborado para apresentação no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Professor associado da Universidade Federal da Bahia. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Coordenador do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia - CEPAD. [giovandr@ufba.br](mailto:giovandr@ufba.br)

<sup>3</sup> Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação-UFBA. Membro do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia - CEPAD. [vanicedamata@gmail.com](mailto:vanicedamata@gmail.com)

tinha sido reportado tão abertamente por qualquer veículo de imprensa no mundo (TACCA, op.cit).

Apreciar traços dispostos há mais de meio século documenta, sobretudo, aspecto memorialístico do discurso mediático. A enunciação, nestas condições, revela-se como traço passível de circular no tempo. Para Maingueneau (2015) esta conservação emerge essencialmente como ato político, cabendo ao analista do discurso considerar o que torna tais traços possíveis, reconhecida determinada configuração histórica. O termo “Senhores da memória” (BARBOSA, 1995) representa poder exercido pela imprensa no jogo de luz e sombra na trama de sentidos espriados pelas materialidades *mediavivificadas*.

Numa breve perspectiva histórica acerca do Candomblé e seus agentes na imprensa, Lilia Schwarcz (1987), Julio Braga (1995) e Jaime Sodré (2010) traçam panorama no qual qualificantes pejorativos são fartamente utilizados como referência a tudo o que dizia respeito ao africano escravizado (e descendentes) no Brasil, na imprensa pré e pós proclamação da república. Selvagem, feiticeiro, violento, biologicamente inferior, embusteiro, traiçoeiro, degenerado, suicida, dependente, vingativo, bruxo, praticante de baixo espiritismo, diabólico são exemplos de termos usuais na imprensa para defini-los.

Neste artigo relatamos fragmento de estudo exploratório, de natureza diacrônica no que se refere à relação analista-objeto(s); e sincrônico na perspectiva das superfícies discursivas analisadas, que foram as fotorreportagens: “As Noivas dos Deuses Sanguinários”, publicada pela revista O Cruzeiro em setembro de 1951, e “Candomblé”, publicada pela revista A Cigarra em junho de 1949, em suas enunciações sobre o sangue vermelho, um operador discursivo da etapa ritual “sacralização pelo sangue, pelas folhas e pela pintura”, representado a partir do título, imagens e legendas, e da palavra “holocausto”. Com isso, verificamos a operacionalidade do modelo procedimental discursivo proposto por Véron (2004), o que nos permitiu reconhecer empiricamente as complexidades dos processos da discursividade social (idem *ibidem*), bem como problematizar o papel do jornalista.

### **Percurso investigativo**

Segundo Eliseo Verón, “cada vez que um discurso nos interessa precisamos encontrar um *outro* que será, por diferença, o ‘revelador’ das propriedades pertinentes do primeiro” (2004, 69, grifo do autor). Este ‘outro’ precisa atender à

invariante referencial do discurso que se objetiva analisar - o assunto em comum retratado por diferentes textos, dentro de um determinado período. Assim, procedemos uma investigação acerca dos desvios interdiscursivos – as diferentes materialidades - reveladores de operações, lastros de representações propostas em um discurso (VERON, 2004).

Como princípios heurísticos relacionados ao Candomblé e à sua iniciação religiosa, temos: é reconhecido como filho-de-santo todo aquele que assumiu certo grau de compromisso com o Orixá<sup>4</sup>, indicado pelo tipo de “obrigação” a que se submeteu (SANTOS, 2010); a filiação no Candomblé é, *a rigor*, voluntária e o rito de iniciação pode ser individual ou coletivo (LIMA, 2003); apesar de cada nação do candomblé possuir procedimentos que lhe são particulares (COSSARD, 2006), a feitura segue quadro ritual idêntico, fato que nos permitiu fazer destas fases os grandes operadores rituais-discursivos a serem localizados no *corpus* (c.f. TABELA 02); o noviço (iaô/ iyawo) no candomblé é o homem ou a mulher (LIMA, 2003, 60) que se submeteu ao rito que marca a “passagem da vida profana à religiosa” (LODY, 1988, 19); o período de *reclusão* na iniciação ou feitura dura 16 dias, e tem no orukó - dia-do-nome/ festa do nome - o seu *momento público* e culminante, que acontece no décimo sétimo dia (VOGEL, 2005); segundo Maupoli o termo àse (axé) em nagô “designa a força invisível, a força mágico-sagrada de toda atividade de toda divindade, *de todo ser animado, de toda coisa*” (apud SANTOS, 1986, 39, grifo nosso), sendo o elo entre o universo e o mundo invisível. É transmitida, segundo Juana Elbein, por substâncias ou elementos materiais agrupados em três tipos de sangue (o branco, o vermelho e o preto), representados por componentes dos reinos

animal, vegetal e mineral [;] quer sejam da água (doce ou salgada) [,] quer da terra, da floresta, do “mato” ou do espaço “urbano”. O àse é contido nas substâncias essenciais de cada um dos seres, animados ou não, simples ou complexos, que compõem o mundo (SANTOS, *ibidem*, 41);

A oferenda, o sacrifício e o renascimento são os *únicos meios* de “manter a dinâmica e a harmonia entre os diversos componentes do sistema” (idem *ibidem*, 222), funcionando como substitutos da energia dinâmica; a “oferenda-substituto evita a morte prematura, permite ao indivíduo realizar plenamente seu ciclo de vida, chegar à velhice e assegurar sua imortalidade” (idem *ibidem*, 223). Segundo Santos,

---

<sup>4</sup> “Qualquer divindade yorubá com exceção de Olóòrun. Seus equivalentes fôn são voduns. [No] culto angola-congo [...] inkice. Essas equivalências são imperfeitas [...]. (VOGEL, 2005: 200-201)

a morte não significa absolutamente a extinção total, ou o aniquilamento, conceitos que verdadeiramente o aterram. Morrer é uma mudança de estado, de plano de existência [existência individual / existência genérica] e de status. [...]; mas, cada criatura ao nascer traz consigo seu orí, seu destino. Trata-se, portanto, de assegurar que este se desenvolva e se cumpra. (idem *ibidem*, 221)

Assim, *o sacrifício é uma forma de restituição* ao plano invisível de parte da força da qual o religioso se nutre, segundo a visão nagô, garantindo-lhe tanto sobrevivência quanto prosperidade, além de capacidade de se perpetuar (idem *ibidem*, 223).

### Estratégia analítica e matéria significativa

Considerando que Verón identifica a unidade temática, o gênero, e a classe à qual o produto midiático se dirige como critérios externos homogêneos mínimos para a conformação de um *corpus* passível de ser analisado discursivamente, tais superfícies aqui elencadas atendem a tais critérios, conforme TABELA 01. A despeito de a localização histórica e a periodicidade serem itens que devam ser considerados na constituição dos desvios, o interstício de dois anos entre as publicações das fotorreportagens *corpus* desta análise justifica-se dada a não-recorrência do tema na imprensa brasileira de então.

**TABELA 01 – CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA ESFERA DE PRODUÇÃO DOS SUPORTES DAS FOTORREPORTAGENS “AS NOIVAS” E “CANDOMBLÉ”**

Enunciadores Dimensões	O Cruzeiro ( As Noivas)	A Cigarra (Candomblé)
gênero da publicação	variedades ilustrada	variedades + artes
função	opinativa / informativa	entretenimento
público-alvo	o mais amplo possível	feminino
periodicidade	semanal	mensal a partir de 1948. Antes, quinzenal .
circulação	nacional; a partir de 1957, internacional (América Latina)	internacional a partir de 1949 (Portugal e colônias); antes, nacional.
temática prevalente	opinião => política	entretenimento, notícia, política e cultura
linha editorial	concisa e popular	pomposa e artístico- literária
local da publicação	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, a partir de 1948. Antes, São Paulo

Estruturado pela autora, tomando como referencial teórico Verón (2004: 91-95).

Adaptando metodologia de análise proposta por Andrade relativa a eleição de operadores (2016, 144-148), adotamos como dimensões de análise do *corpus* deste

trabalho o quadro ritual referente às fases de iniciação no candomblé (ver TABELA 02), idêntico em todas as nações (COSSARD, 2006, 167).

**TABELA 02 - OPERADORES RITUAIS-DISCURSIVOS NAS FOTORREPORTAGENS**

Fases	As	
	Noivas	Candomblé
1 morte ritual (marco da morte com a vida profana)	X	0
2 ritos de purificação	X	X
3 provas de água, do mato e do fogo	0	0
4 sacralização pelas folhas, pelo sangue, pela pintura	X	X
5 a festa da ressurreição (dia do nome - Oruko)	X	X
6 Transe	X	X

\*Organizada pela autora a partir do quadro ritual básico de iniciação religiosa identificado por Cossard nas diferentes nações do candomblé (2006: 134)

Identificadas estas dimensões, elaboramos o Quadro 01, que permitiu sistematizar os modos de agenciamento das imagens segundo cada fase ritual.

**QUADRO 01 - RELACIONAL ENTRE MODO DE AGENCIAMENTO DAS IMAGENS E ETAPAS RITUAIS**

MODOS DE AGENCIAMENTO DAS IMAGENS**	morte ritual (marco da morte com a vida profana)		ritos de purificação		sacralização pelas folhas, pelo sangue, pela pintura		a festa da ressurreição (dia do nome - Oruko)		transe	
	AS NOIVAS	CANDOMBLÉ	AS NOIVAS	CANDOMBLÉ	AS NOIVAS (***)	CANDOMBLÉ	AS NOIVAS	CANDOMBLÉ	AS NOIVAS	CANDOMBLÉ
fundo semântico (referencialidade mínima)	1	x	11	x	21, 22, 23, 33	x	38	1, 3, 4, 12	(.23.)	(.12.)
retórica visual dos personagens	todas	x	todas	x	todas	x	todas	x	todas	x
metáforas visuais	x	x	x	x	x	x	x	10	(.35.)	(.10.)
espacialização das imagens	2,3,4,5	x	7,8,9,10; 24	x	13, 14, 15,16, 17, 18, 19, 20;25, 26; 27, 28, 29, 30, 31, 32	x	34, 36, 37	5,6,7,8,9	x	x
imagem apresentando um acontecimento singular	x	x	6, 12	x	"i"	11	x	2	("i")	(2 e 11)

Quadro elaborado pela autora, utilizando Cossard como referência para as fases rituais (2006: 134), e Verón para os modos de agenciamento das imagens (2004: 171-182)

\*A fase das provas de água, do mato e do fogo não foram identificadas nas matérias

\*\* O modo "retórica visual dos personagens" foi suprimido dos modos de agenciamento das imagens pelo fato de a fotorreportagem Candomblé ser, de acordo com a literatura pesquisada, a primeira a tratar sobre o tema da Iniciação no candomblé; quanto às Noivas, a matéria é em si uma retomada da matéria "Les Possédées de Bahia".

\*\*\* 00 - sangue | 00 - pintura | i - infográfico

Obs: a palmatória foi reportada por Cossard (ibidem: 157) como elemento ritual pós-orukó, o que nos fez enquadrar a fotografia 35 d'As Noivas como metáfora visual quanto ao modo de agenciamento da imagem, mas é "aleatória" quando submetida ao quadro ritual referenciado pela autora.

Por fim, sujeitamos ambas as matérias linguísticas a uma mesma fonte e tabulação, hachurando a respectiva área relativa a cada etapa do ordenamento religioso, o que possibilitou a construção de espécie de 'cartografia das superfícies',

---

ajustar visualização de ambas numa mesma página, de modo a verificar prevalência das distintas fases.

O modelo do procedimento operacional discursivo utilizado foi o proposto por Véron (2004, 65-68), formado pela tríade: operador, operando, e a relação entre ambos (representada pela expressão  $xRy$ ). O *operador*, marca identificada na superfície textual, deverá ser tomado como ponto de partida da análise, podendo desempenhar simultaneamente mais de uma função, realizando num mesmo contexto o papel de elementos diferentes. Pode efetuar o trabalho de: flecha “adiante”, reproduzindo um fenômeno catafórico onde a marca fala do texto que segue; flecha “para trás”, operação de natureza anafórica que remete a uma marca anterior visualmente presente no texto; ou “efeito de reconhecimento”, quando a operação aciona referências vinculadas ao contexto situacional (portanto, a referências abstratas), desempenhando ações de natureza dêitica (idem *ibidem*, 66). Dentro da dinâmica discursiva é possível que o operador seja operando em outra, podendo estar investido por marcas não-linguísticas como imagens e elementos de espacialização, a exemplo de dimensões diferenciais dos caracteres, espaço entre os textos, dentre outras matérias significantes do *corpus*. O *operando*, por sua vez, pode estar afastado da superfície textual analisada, pois é capaz de desempenhar função de marca em outro texto, ou ser da ordem das representações sociais. O único operando que com certeza sempre estará presente no texto jornalístico impresso é a matéria escrita subsequente ao título. E sobre a relação operador-operando, os termos que a compõem podem ser variados - um “artigo definido ou um pronome pessoal, assim como uma expressão completa que funciona como título ou todo o texto de um artigo de imprensa” (loc.cit.), enfatizando que aquilo que se constitui como termo numa relação pode vir a ser a própria relação, em outra. E ainda sobre as operações discursivas, marcas diferentes podem realizar um mesmo tipo de operação.

## Resultados

Observada a cartografia da matéria *As Noivas*, destacou-se a prevalência da etapa “Sacralização pelo sangue, pelas folhas, pela pintura”. Dentro desta, o sangue vermelho é marca discursiva mais acionada - desde o título, inclusive. Para efeito de análise neste artigo, vamos nos ater à análise de três matérias significantes: Título; Imagens e Legendas; Holocausto.

## Título

N’*As Noivas dos Deuses Sanguinários* um enlace é “enu-anunciado”: os Deuses - não qualquer um, mas *aqueles* que gostam de sangue - possuem “Noivas”, herdeiras da referida substância biológica em versão adjetiva. Há aí acionamentos que se dão num nível intra-textual que realizam um trabalho de oposição através dos termos “Deuses” e “Sanguinários”. A operação de natureza catafórica se realiza quando o corpo da matéria elucida o título. Como ação de natureza dêitica (efeito de reconhecimento), há o acionamento imediato da fotorreportagem *Les Possédées de Bahia* publicada pela Paris Match quatro meses antes, e dois meses antes pelo jornal baiano A Tarde em 10, 11 e 12 de julho. Além disso, este título aciona carga simbólica consonante à representação social dominante referente ao negro e suas idiosincrasias (BRAGA, SCHWARCZ, SODRÉ, 1995, 1987,2010). Indo num nível menos evidente de significado do vocábulo “sanguinário”, colhido em dicionários (VERON, 2004, 143-158), temos: “aquele que pratica ações de crueldade ou torturas que podem levar alguém à morte”. Deste modo, as Noivas que possuem uma aliança com Deuses desta natureza farão reproduzir ações igualmente cruéis, atrozés e más sobre seres vivos - já que os únicos passíveis de morte.

Já o título *Candomblé* representa genericamente o nome de algo que a audiência terá (mais uma) oportunidade de ouvir falar sobre, ou mesmo conhecer, com a matéria. Representa marca que realiza operação de flecha para frente, pois deixa para a fotorreportagem definir seu sentido *a posteriori*, no decorrer e após a leitura. É um título característico de revista de traço burguês, dada predominância da função metalinguística (VERON, 2004, 112). Roger Bastide<sup>5</sup>, repórter desta matéria, ateu-se a designações mais recentes do vocábulo quando se dedicou a abordar o candomblé enquanto religião, descrevendo aspectos históricos, dinâmicos, estéticos e litúrgicos desta doutrina de matriz africana.

## Imagens e Legendas

Ao primeiro contato a sequência nominada pela revista como “O sacrifício de aves e animais”, que na fotorreportagem *As Noivas* inicia a sequência imagética que

<sup>5</sup> Sociólogo francês e pesquisador da cultura africana no Brasil. Cf BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia** - rito nagô. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.370p. Dividiu a autoria de Candomblé com o fotógrafo e etnólogo Pierre Fatumbi Verger. Cf Biografia no site da Fundação Pierre Verger - <http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>.

vai expressar a fase ritual “sacralização pelas folhas, pelo sangue e pela pintura”, um fenômeno tende a ocorrer. Tacca o classificou de “pequeno detalhe imposto pela diagramação [...] [que] neste momento denuncia a intencionalidade sensacionalista da reportagem” (2009,136,grifo nosso). Apreciadas as imagens, o leitor tende a voltar sua atenção para as legendas constituídas de duas partes: uma primeira formada por letras maiúsculas; e outra, somente por minúsculas.

Ampliando o foco sobre as páginas subsequentes da fotorreportagem, a leitura tende a se dar pelo agrupamento de elementos visuais ou semelhantes; ou contínuos; ou próximos - operação que vai permitir estabelecer uma relação entre eles (RADFAHRER, 2000, 16-17). Na primeira legenda da primeira foto da figura abaixo (fotografia 17), lê-se: SACRIFÍCIO A YEMANJA, com letras maiúsculas. Na imagem alinhada horizontalmente à sua direita, dividindo metade superior da página, lê-se na cabeça da legenda da fotografia 18: ...UM ÍNDICE DE CRUELDADE.



FIGURA 01 – detalhe\_p. 17\_ fotorreportagem As Noivas

Além da similaridade tipográfica entre os textos introdutórios destas legendas, estes elementos situam-se num ‘lugar-chave’ dentro da matéria visual da página: o eixo centro- horizontal definido pela ‘cruz’ imaginária disposta entre as quatro imagens da página (ARNHEIM, 2005, 23). Além destas imagens já estarem em página ímpar<sup>6</sup> na

<sup>6</sup> Página situada à direita do suporte impresso; portanto, é a área sobre a qual recai mais peso (ARNHEIM, 2005, 25)

revista, as legendas destas imagens superiores recaem exatamente no espaço de equilíbrio da página, lugar de força perceptiva<sup>7</sup> (idem ibidem, 26). Neste episódio uma marca não linguística foi investida como operador (VERÓN, 2004, 67-68), expressado nas diferentes dimensões das fontes nas legendas. Como efeito de sentido o ‘estar perante a um acontecimento cruel’.

Nesse ponto exterioriza-se uma ‘tensão’, na forma de ruído, no posicionamento discursivo: afinal, o rito apresentado denota ou não ‘crueldade’? Tais elementos linguístico-visuais demarcam zona de ambiguidade do discurso (FERREIRA, 2003, 5), ensejando quebras no acordo estabelecido com a esfera de reconhecimento.

Na fotorreportagem Candomblé, há somente uma fotografia (FIGURA 02), de natureza icônica, alusiva à etapa ritual foco deste trabalho, onde a imagem re(a)presenta um acontecimento singular. Tomando-a como operador, esta fotografia reflete marca de natureza dêitica por duas razões: além de indicar um fato decorrido no tempo (a imolação), tal acontecimento não é revelado amiúde aos olhos da esfera de recepção. Outro operador vai acionar sentidos referentes a esta fase ritual, localizado na marca textual “Para que a cerimônia não seja perturbada, já se realizou o sacrifício inicial a Exu”. Esta enunciação retrata, igualmente, um fato decorrido sobre o qual a dupla de jornalistas demonstra ter ciência, mas não explora.



FIGURA 02-detalhe peji\_ p.9 “Candomblé



FIGURA 03-detalhe peji\_ p.20\_ “As Noivas”

<sup>7</sup> Para Arnheim elas são elementos genuínos de tudo o que se vê. “Foram admitidas como reais em ambos os domínios da existência — isto é, tanto como forças psicológicas como físicas. Psicologicamente, os impulsos (...) existem na experiência de qualquer pessoa que o observe. Desde que estes impulsos tenham um ponto de aplicação, uma direção e uma intensidade, preenchem as exigências que os físicos estabeleceram para forças físicas. Por esta razão os psicólogos falam de forças psicológicas, embora, até hoje, somente alguns deles tenham aplicado o termo, como faço aqui, para a percepção” (op.cit., 26).

Num primeiro olhar, observadas as fotografias acima, sobressai-lhes algum grau de similaridade. Porém, quando tratadas enquanto ‘superfície analítico-discursiva’ e seu ‘revelador’, irrompem desvios, sobretudo quando lidas nas páginas em que foram veiculadas. A primeira figura, (re)tratada abaixo, divide metade de uma página com o instrumento musical agogô, tendo textos ocupando a outra metade da página, formando coluna que também acolhe uma das legendas.



FIGURA 04 - p9. Candomblé



FIGURA 05 - pp20 e 21. As Noivas

N’As Noivas, ao espriar da fotografia da FIGURA 03 à página subsequente (FIGURA 05), ela rompe com o “modelo clássico da foto testemunhal”, tornando-se conceito: o corpo mutilado para as noivas, símbolo de morte como violência na perspectiva da cultura ocidental, e não como restituição, de acordo com perspectiva dos religiosos retratados. Eis, pois, o caráter especular da imagem enquanto depositária de uma potência capaz de atestar quão sanguinários são os deuses e suas noivas.

A fim de restituir alguma natureza testemunhal a este ponto da superfície discursiva d’As Noivas, a esfera de produção usou um infográfico como recurso. A este coube restabelecer, em particular, componente referencial à fotografia da FIGURA 03, e de modo geral ao conjunto discursivo da fotorreportagem. Esta superfície tem nesta fotografia uma espécie de “síntese argumentativa”, uma vez que ela se constitui como prova da ideia principal apresentada desde o título da fotorreportagem: o quanto tais deuses e os seus são sanguinários, assassinos, porque matam. É a prova da promessa feita pela reportagem desde o título!

### **Holocausto**

Às noviças, e a sua religião, é associada a marca holocausto - símbolo do sofrimento impingido pelos nazistas ao povo judeu no período da recente segunda guerra mundial. O “holocausto” é descrito como uma das maiores, mais graves, e brutas tragédias da história da humanidade. Como vocábulo, foi utilizado na matéria *As Noivas* nas sentenças: a) “A MATANÇA DE AVES E ANIMAIS marca o início do terceiro tempo do cerimonial secreto. Um cabrito é dado em holocausto a Yemanjá” (SILVA E MEDEIROS, 1951, 16); b) “O holocausto a Omolu vem por último. Um novo bode é imolado, e depois dele um galo, uma galinha, um pato, terminando o sacrifício igualmente com a cerimônia das penas de galinha d’angola” (idem *ibidem*, 128); c) “São os animais que vão ser sacrificados dentro em poucos minutos, em holocausto aos deuses negros da Bahia” (idem *ibidem*, 45). Já na fotorreportagem *Candomblé* tal matéria discursiva sequer foi utilizada.

A operação que com esta associação se quer suscitar é a equivalência entre “holocausto” e “sacrifício de animais”, sobretudo em maldade e desumanidade que recaem sobre as noviças, sobre os Deuses sanguinários, e sobre todos aqueles que compartilham tal modo de vida religioso.

### **Conclusões**

A análise da matéria *As Noivas dos Deuses Sanguinários* revelou enredamento entre os termos operador-operando, denotando a complexidade característica da discursividade social. Matérias significantes alteraram-se em funções, e mesmo em qualidade. Palavras, título, legendas, fotografias e demais recursos visuais suscitaram uma conjunção de efeitos de sentidos possíveis num jogo dinâmico de alternância de papéis, onde um operador em determinada operação tornou-se operando em outra, investido como marca linguística ou não, como elementos de espacialização ou mesmo dimensões diferentes de caracteres. Acionamentos a referências vinculadas ao texto e para além dele relevaram-se como elementos desta multiplicidade que caracteriza o discurso enquanto fenômeno.

Entendemos que a prevalência de perspectiva cristã tenha tornado ainda muito mais complexa a assimilação de um ritual cuja marca paradigmática é o sangue - signo que, na sociedade ocidental, tende a remeter à morte; mas não à vida

enquanto seu oposto. No aparato simbólico de liturgias cristãs, ritos sacrificiais de animais são descritos em capítulos de livros do antigo testamento, como Ex 29 ou Lv 1;3. Contudo, a partir da passagem do *Agnus Dei* sobre a terra e sua imolação na cruz, na qual carregou consigo as “fraquezas e dores humanas” (Is 53), cristãos passaram a viver o sacrifício através de celebrações simbólicas. Na liturgia eucarística católica, por exemplo, o sangue sacrificial faz-se presente através do vinho tinto verbalizado e vertido pelo padre: o “mistério da transubstanciação” (CORBIN, 2009, 94). O sangue [vermelho] (SANTOS, 1986, 41) tornou-se interdito. Em contraposição, para religiões como o islamismo até hoje acontece a Eid-al-Adha - a “Grande Festa” ou “Festa do Sacrifício”, marco do fim da peregrinação dos muçulmanos a Meca, ocasião na qual animais são imolados (ALVAREZ, 2015, 01’19”-02’57”). Na experiência cristã talvez mesmo a morte tenha se transformado em interdito, uma vez que através da ressurreição de Jesus Cristo (Mt 28) a vida eterna fez-se verosímil.

Além de uma ‘monstruosidade estética’ (COURTINE, 2009, 498) a que a fotorreportagem *As Noivas* submeteu boa parte da audiência, há a monstruosidade do assunto que corporifica um dos maiores - senão o maior temor - dos seres humanos: a morte. Ao refletir sobre o significado do corpo e o sentido do consumo fúnebre, Morais e Motta observam que “numa sociedade de culto ao corpo e da busca pela eterna juventude, um corpo morto abala a representação simbólica que a sociedade estabelece com o corpo humano” (2008, 1).

Como assentir este corpo consagrado reiteradamente ser profanado, cortado, debilitado, desfigurado; suscetível, portanto, como disposto na superfície discursiva d’*As Noivas*, quando confrontado com o corpo biocibernético, tecnológico, anunciador de um “pós-humano”; promessa de “superação das fragilidades e vulnerabilidades de nossa condição humana, sobretudo, do nosso destino para o envelhecimento e a morte”? (SANTAELLA, 2004, 55)

“A cultura é a lente humana por excelência”; é uma “gramática que delinea e gera os elementos que a constituem e lhe são pertinentes, além de atribuir sentidos entre os mesmos”. É ela que fornece as “regras que regulam a sintaxe das relações entre os seus elementos” (RODRIGUES, 1989, 132), às quais estamos atados quando acreditamos que “o prazer, a satisfação, o desejo, a felicidade podem existir em estado absoluto” (SANTAELLA, 2004, 147). Felizmente Rodrigues atribui sentido

menos abstrato ao utilizar o termo ‘cultura’ no plural, apontando o etnocentrismo como causa que leva homens a considerarem “o seu modo de vida particular como o mais ‘correto’ e o mais ‘natural’” (1989, 146), banindo do corpo social, à medida que estigmatiza, perspectiva daqueles que sorvem fenômenos que atravessam sua humanidade de modo diverso.

Sendo o intento do jornalismo o de (re)produzir a realidade social tanto quanto possível, ciente da diversidade de relatos possíveis sobre a mesma, recai sobre o jornalista quota de poder para selecionar ‘o que’ deve ser lembrado no reconhecido fato jornalístico e, sobretudo, ‘como’ deve ser lembrado. Assentida tal condição, Girardi aponta a reportagem como “campo [...] no qual uma espécie de prática etnográfica pode ser experimentada [...]” (2000) à medida em que um “outro” é passível de reconhecimento, tornado visível através da abordagem dialógica da reportagem (ROILLÉ, 2009, 161-188). Nesta, repórter e reportado engajam-se num projeto comum onde,

através da reportagem, esse outro que aparece na narrativa jornalística passa a ter um rosto, uma história de vida, uma visão de mundo e, em alguns casos, esse processo de construção da sua identidade o lança a meio caminho entre um ser dotado de vontade, capaz de fazer escolhas sobre os fatos mais importantes de sua vida, e um ser condicionado por uma estrutura social, uma cultura que lhe condiciona as práticas cotidianas. (GIRARDI, 2000)

Ao jornalista cabe o desafio de equilibrar expectativa minimamente tripartite relativa a seu fazer: a do emissor, que demanda seu trabalho enquanto mão de obra; a da esfera de reconhecimento, contraparte do posicionamento discursivo; e a da fonte, que lhe creditou confiança para reportar sua natureza, sua particularidade.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Ricardo. Yom Kippur – Judeus encerram na noite desta quarta(23) o feriado do dia do perdão. **Hora 1**, set.2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/hora1/edicoes/2015/09/24.html>>. Acesso em 04 set.2016.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **A construção da violência envolvendo crianças e adolescentes em jornais impressos brasileiros**: um estudo de caso dos jornais O Globo e Extra de 2000 a 2014. 2016. 353 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ARNHEIM, Rudolf. Equilíbrio. In: **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. – São Paulo: Pioneira. 2005. Pp 18 – 47. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/9/92/Arnheim\\_Rudolf\\_Arte\\_e\\_percepcao\\_visual.pdf](https://monoskop.org/images/9/92/Arnheim_Rudolf_Arte_e_percepcao_visual.pdf)>. Acesso em 30 ago 2016.

BARBOSA, Marialva. **Senhores da Memória**. In: INTERCOM, vol. XVIII (nº2), jul/dez 1995.

BASTIDE, Roger; VERGER, Pierre. Candomblé. **A Cigarra**. Rio de Janeiro, jun. 1949. p3-10; 18; 24.

BRAGA, Júlio. **Na gamela do feitiço**: repressão e resistência nos candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 1995. 201p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada** - edição popular. Tradução Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições paulinas, 1977.

CORBIN, Alain. A influência da religião. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo** – da revolução à grande guerra. -3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p.57-99. (v.2)

COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awo**: o mistério dos Orixás. – Rio de Janeiro: Pallas, 2006. 215pp.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo inumano. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo** – da renascença às luzes. Petrópolis: Vozes, 2009. p.487-502. (v.1)

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo**. In: FRANÇA, V; WEBER, M; PAIVA, R.; SOVIK, L.. (Org.). Livro do XI Compós 2002: estudos de comunicação. Porto Alegre: Sulinas, 2003, v, p. 1-13. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_707.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_707.pdf)>. Acesso em: 02 set.2016.

GIRARDI, Liráucio Jr. A reportagem como experiência etnográfica. In: Anuário de Jornalismo, 2000. Disponível em: <<http://migre.me/v4E5J>>. Acesso em 25.09.2016.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intergrupais. -2 ed. – Salvador: Corrupio, 2003. 216p.

LODY, Raul. **Espaço, orixá e sociedade – arquitetura e liturgia do candomblé**. Ianamá2. Ed. – Salvador: Ianamá, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso e seus traços. In: **Discurso e análise do discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. pp149-157.

MORAIS, Isabella Andrade de Lima; MOTTA, Antonio. **Significado do corpo e o sentido do consumo fúnebre**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, jun. 2008. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2019/isabela%20andrade%20de%20lima%20moraes.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2019/isabela%20andrade%20de%20lima%20moraes.pdf)>. Acesso em 14 set.2016.

NOVO MAPA DAS RELIGIÕES. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. Disponível em: <[http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN\\_texto\\_FGV\\_CPS\\_Neri.pdf](http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf)>. Acesso em 06 set. 2016.

RADFAHRER, Luli. Percepção: um processo ativo. In: **Design Web Design**. 2000. pp16-17. Disponível em: <<http://www.luli.com.br/admin/wp-content/uploads/2008/04/dwd2.pdf>>. Acesso em 26 de maio de 2016.

RODRIGUES, José Carlos. Os outros e os outros. In: **Antropologia e Comunicação: princípios radicais**. – Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989. pp125-199.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. – São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: Pàdè, Asèsè e o culto Égun na Bahia**. – Petrópolis: Vozes, 1986. 240p.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. -2ª ed. – Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010. 184p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro** – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, 309p.

SILVA, Arlindo; MEDEIROS, José. As noivas dos Deuses Sanguinários. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 1951, páginas 12-26; 45; 49; 128, 15 de setembro de 1951.

SODRÉ, Jaime. **Da diabolização à divinização: a criação do senso comum**. – Salvador: EDUFBA, 2010, 109p.

TACCA, Fernando Cury de. **Imagens do sagrado: entre Paris Match e O Cruzeiro**. – Campi-nas: Editora da Unicamp, 2009. 200pp.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. 1.ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Capítulos 3 – 9, pp.49 - 263.

VERÓN, Eliseo. **La semiose social, 2: ideas, momentos, interpretantes** – 1ª ed – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013. Parte I, Ideas, p 21-140; Parte II, capítulo 8 – Materialidad del sentido, p. 143 – 150.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. **A galinha d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. – 3ª ed. –Rio de Janeiro: Pallas, 2005.